

MOONSPELL

20 ANOS

20 YEARS

XX

Fernando Ribeiro e Paulo Moreira

Tive vinte anos para escrever e viver este livro. Não sei o que se terá passado mas nem vinte minutos tenho para preliminares.

Este livro foi duro de escrever. Mas foi uma experiência gloriosa. Tal como os Moonspell. A nossa história, ou pedaços dela finalmente seleccionados para vós, seguem essa linha entre glória e tormenta. Quero agradecer-vos por o lerem. Quero agradecer-vos por se terem mantido ao nosso lado, fortes e convictos, durante estas duas décadas. Quero agradecer à minha mulher e ao meu filho, Sónia e Fausto, por me terem permitido roubar-lhes tempo. Agradeço também ao Bruno Fernandes, o mais humilde dos nobres, ou o mais nobre dos humildes, por traduzir com orgulho e perspicácia estes dementes episódios. Quero agradecer muito especialmente ao Paulo Moreira por capturar a nossa alma com tanta elegância. Muito obrigado aos outros fotógrafos que contribuíram para o livro (Edgar Keats, João Nogueira, Carole Epinette), o nosso respeito e gratidão. A toda a equipa da Saída de Emergência liderada pelo seu capitão Luís Corte Real. Let's rock! Quero agradecer à banda por me ter deixado, livremente, escrever. A nossa história. Quem somos. Sangue e Carne. Com certeza uma Alma Portuguesa. **xx**

Fernando Ribeiro, Dezembro 2012

Preliminares

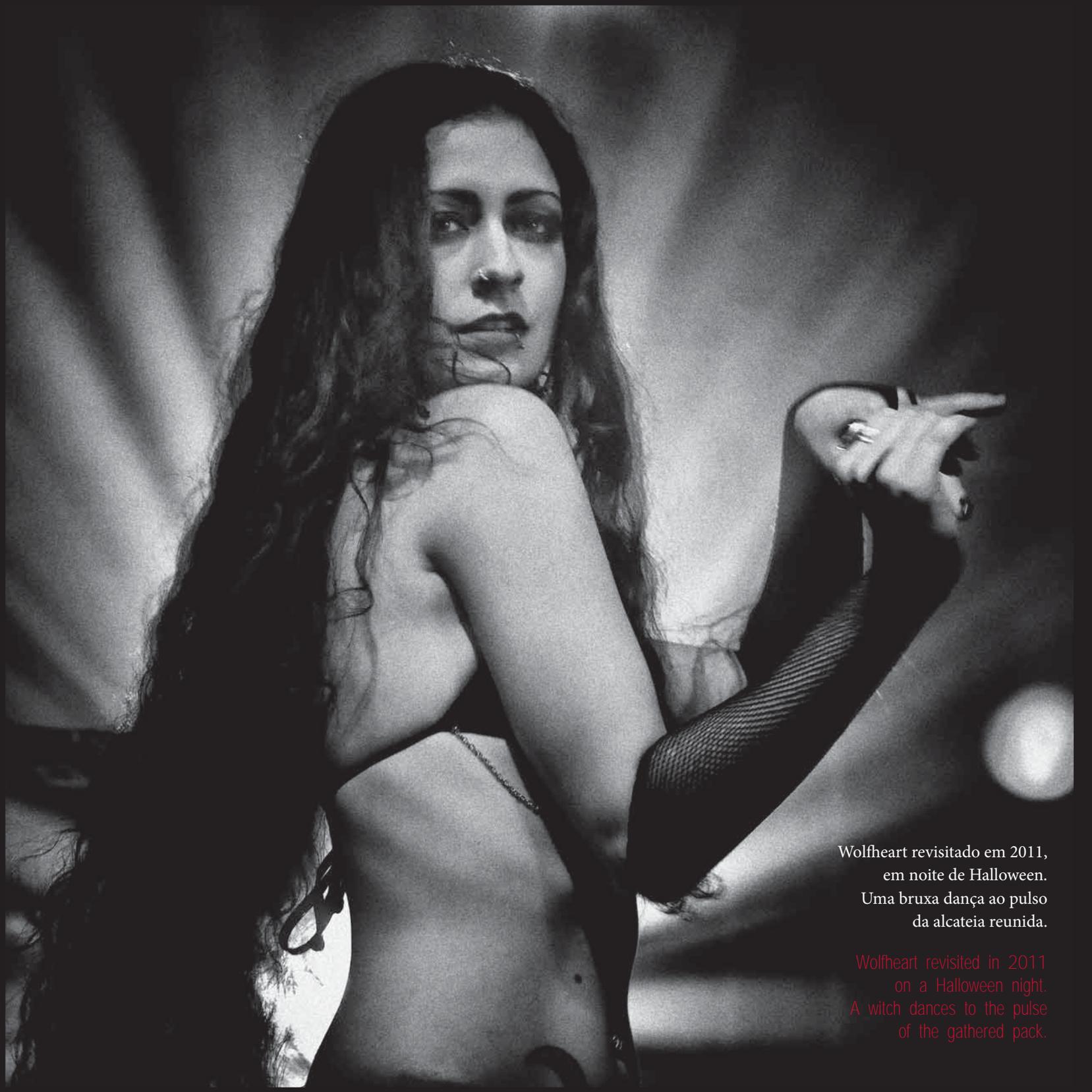
/Foreplay

I had twenty years to write/live this book. I don't know what happened but I do not have even twenty minutes to foreplay with you. This book was hard to write. But it was glorious to write it, as well! Moonspell history, contained herein in selected choices and considerations, follows these same lines. I want to thank you for reading. I want to thank you for staying put and proud during these twenty years. I want to thank to my wife and son, Sónia and Fausto, for the time I stole from them. I want to thank Bruno Fernandes, the humblest of the nobles, or the noblest of the humble who have translated with pride and wit all these demented episodes. I want to thank especially to Paulo Moreira for capturing our soul so well. To the other photographers contributing (Edgar Keats, João Nogueira, Carole Epinette), our respect and gratitude. To all the publishing team in Saída de Emergência, captained by Luís Corte Real. Let's rock! I want to thank the band for giving me carte blanche to write for them as well. Our history. Who we are. Flesh and blood. Portuguese soul. **xx**

December 2012

Beware
the wolves
at night,
beware the
lunar light

— *Peter Steele (Type O Negative)*



Wolfheart revisitado em 2011,
em noite de Halloween.
Uma bruxa dança ao pulso
da alcateia reunida.

Wolfheart revisited in 2011
on a Halloween night.
A witch dances to the pulse
of the gathered pack.

Saudades
do futuro

/Missing the future

Uma das questões a que ainda hoje mais respondo na maioria das entrevistas é: “Como fazem música tão negra, vindos de um país atlântico, banhado pelo sol, onde os pássaros cantam e as donzelas dançam olhando o mar?”

Devo dizer, em retrospectiva, que me incomoda realmente esta questão. Não apenas disputa a própria essência da negritude sem preço que traz vida à nossa música, mas, em simultâneo, subestima o poder da melancolia portuguesa expressa na sensação de Saudade. Essa palavra de espírito é o alicerce mais sólido da nossa Alma Portuguesa, o espírito pelo qual o nosso corpo colectivo anseia. Um Português nunca o é, verdadeiramente, se não o inscrever, junto aos seus mais profundos pensamentos, medos e esperanças. Saudade não é apenas sentir falta do passado. Tem uma forte relação com uma vida de antecipação, de aguardar que um rei surja do nevoeiro. Os seus primeiros passos delicados na margem para nos libertar, disposto a tratar de tudo por nós enquanto nos deleitamos nos prazeres terrenos que todos julgamos merecer, ao máximo, aqui na mais Meridional Europa.

O Under the Moonspell foi criado sob uma vibração similar. O Wolfheart expandiu-a. Desde então a grandiosa (e, no entanto, maioritariamente desconhecida) Cultura Lusitana tem sido uma fonte inesgotável para as nossas canções e letras. Não se iludam, esta influência é para nós muito mais que uma missão ou o portar de um estandarte. É um rio que corre muito mais profundamente dentro de nós. Algo ao qual voltamos muito frequentemente e que significa muito mais que dar a conhecer ao mundo os nossos poetas e sonhadores. Muitas vezes, simplesmente não pode ser explicado. Tal como muitas outras das coisas importantes e essenciais na nossa natureza e expressão artística. Acredito, não obstante, que esta abordagem em particular nos separou de muitas bandas, até das outras bandas de Metal portuguesas que, apesar das tentativas prévias, aparentemente nunca atingiram o nervo que nos ajudou a criar uma ligação com o público, estrangeiro e nacional, que mostrou entusiasmo em relação ao que os Portugueses tinham a dizer.

Não foi fácil ser uma banda portuguesa neste panorama musical. Deparámo-nos com diferenças culturais que eram, por vezes, difíceis de engolir. O primeiro choque que tivemos foi o contacto com a imprensa. Se lerem a nossa entrevista de 1994 com a

One of the questions I keep on answering on most of interviews until today is: “How come you do such dark music, if you come from a sun bathed, Atlantic country, where birds sing and maidens dance with the view of the sea?”

I have to say, in retrospect, that this question really disturbs me. Not only it disputes the very core of the invaluable darkness that brings our music alive, but at the same time underestimates the power of Portuguese melancholy expressed in the feeling of Saudade, or longing. That word of spirit is the solid foundation of our Portuguese soul, the spirit for which our collective body aches. A Portuguese is, truly, never one, if he fails to write it down, closer to his deepest thoughts, fears and hopes. Saudade is not only about missing the past. It relates strongly to a life of anticipation, of expecting the king that comes out of the fog. His first delicate steps on the shore to set us free, willing to take care of everything for us while we rejoice in the earthly pleasures we all think we deserve, to the fullest, down here at Southernmost Europe.

Under the Moonspell was created under such a vibe. Wolfheart expanded it. Since then the Lusitanian great (yet mostly unknown) Culture has been an endless source for our songs and lyrics. Make no mistake, this influence is much more for us than a mission or just the carrying of a flag. It is a stream that runs deeper inside us. Something we come back to very often and that deals with much more than just showcasing our poets and dreamers. A lot of times, it simply can not be explained. Just as many other of the important, essential things in one's nature and artistic expression. I believe, nevertheless, that

Terrorizer, encontrarão na mesma uma arrogância defensiva, típica de países periféricos que tiveram um passado tão glorioso e lhe resta tão pouco para mostrar hoje em dia. Sempre pensei que a nossa popularidade em países como o México, Egipto, Grécia ou Polónia se prendia com o facto de ali entenderem claramente a nossa mensagem. Na Europa Central, as coisas eram diferentes, especialmente na Alemanha. Tivemos de afinar o nosso alfabeto ao ponto de sermos capazes de trabalhar arduamente para transmitir a nossa mensagem e agarrarmos as oportunidades que nos eram dadas na época. É altura de vos contar como fomos assinados pela Century Media, pois ajudará a melhor ilustrar a história.

Fizemos o *Under the Moonspell* através da Adipocere Records, sediada no Sul de França. O disco causou bastante comoção no Underground pois apresentávamos algo radicalmente diferente do Black Metal “Alfa” dominante, incandescente com igrejas em chamas e homicídio. Este estilo governava o submundo devido a uma so-

this particular approach separated us from many bands; even from all many of the Portuguese Metal bands, that in spite of previous attempts, never seemed to hit the nerve that helped us to connect with a crowd, foreign and national, who showed enthusiasm regarding what the Portuguese had to tell.

It wasn't easy to be a Portuguese band in the scene. We were faced with cultural differences that sometimes were hard to swallow. The first shock we had was the contact with the press. If you read our 1994 *Terrorizer's* interview, you will find on it a defensive arrogance, typical of peripheral countries who had such a glorious past but that now have little to show for. I always thought that our popularity in countries like Mexico, Egypt, Greece or Poland, had to do with them getting our message crystal clear. In Central Europe, things were different, especially in Germany. We had to tune our alphabet to the point of being able to work hard in getting our message across and cease the opportunities we were given at the time. It's time to tell you how we got signed by Century Media, as it will help to properly illustrate the story.

We did *Under the Moonspell*, via Adipocere Records, based in South France. The record caused quite a stir in the Underground as we presented something

outrageously different from the dominant Alpha Black Metal, which was ablaze with church-burning and homicide. This style ruled the underworld both thanks to a Bathory inspired sound, which was, by all means, dark, cold and fuckin'great; yet the criminal behaviour gained many bands a sense of fearful admiration that youngsters all around the globe imitated, sometimes to results which ashamed us all, who lived the Underground mainly for the amazing chance of listening to great unreleased music and to communicate with people who could teach your soul with fire. *Under the Moonspell* was on the other side of the shore. The best quote we ever got for that one is that it picked up where *Into the Pandemonium* (Celtic Frost) left due to its orchestral mood, its complex ritualistic lyrics and a certain over the top-avant-garde feeling that, if not perfectly delivered or played (far from that), caught a lot of attention because it was different and had the charm of the South, the Middle East, the Atlantic, all in 21 minutes of music (the maximum duration of a mini CD/EP at the time). I remember struggling with orchestra timpani to get them on the studio, whispering to the girl's ears while she moaned to a Marquis de Sade spoken citation, in between many other episodes that time has swallowed in the four small

walls of the uninspiring Edit studios, in Portugal.

Before we did Wolfheart, we waited for ages for Adipocere's Christian (Bivel) move in order to sign us for the album. The CD went down great, sales were quite promising for a debut so while composing the Wolf piece, we were convinced Adipocere were on top of our game and that we would finally release one full-length album, the very goal why we formed the band around. We were enthusiastic and contrary to our Portuguese instinct, we were not thinking that much ahead, and even less, missing a future we were not sure to exist. Great times, when you could think just on a day-to-day basis. Adipocere never really made an offer or sent us a deal for Wolfheart. Christian was very intensely into releasing Alastis's ...And Death Smiled and we sensed that was a mistake. Forward 17 years, we are sure about it.

At the time we were practising in a crammed two-storey garage near where we all lived at the time. We called it the lair and if you called us, you'd get wolf howling and a solemn voice message in our answering machine. On the second floor we had a small office/warehouse going on as we were selling our own merchandise and CD to the shops and through mailorder. We also sold Osmose and Cacophonous Records stuff and even in Portugal, results were great and everything was going, except the Alastis album... In that very own place we celebrated with cheap champagne our signing with Century Media and actually videotaped us putting down our signatures in a white slavery contract (6 albums long) but that was our ticket out of Portugal. While Adipocere mused and hesitated, Robert Kampf (the heart

noridade inspirada em Bathory — que era, para todos os efeitos, negra, fria e fantástica —, no entanto o elemento criminoso granjeou a muitas bandas um sentimento de admiração temerosa que os jovens por todo o mundo imitavam, muitas vezes com resultados que nos envergonham a todos, que vivemos o Underground sobretudo pela incrível oportunidade de ouvir óptima música por editar e comunicar com pessoas que poderiam ensinar a nossa alma com a chama. O Under the Moonspell estava na margem oposta. A melhor citação que alguma vez tivemos foi que este pegava onde o Into the Pandemonium (Celtic Frost) tinha parado devido aos seus ambientes orquestrais, as suas complexas e ritualistas letras e um certo sentimento arrojado e vanguardista que, pese embora não fosse interpretado com mestria (longe disso), chamou a si bastante atenção pela sua diversidade, e por ter aquele charme do Sul, do Médio Oriente e do Atlântico, tudo em 21 minutos de música (a duração máxima de um mini CD/EP na altura). Recordo-me de

me debater com tímpanos de orquestra, ao tentar transportá-los para o estúdio, sussurrar aos ouvidos de uma rapariga enquanto ela gemia ao som de uma citação do Marquês de Sade, por entre muitos outros episódios que o tempo se encarregou de engolir entre as quatro paredes dos nada inspiradores estúdios Edit, em Portugal.

Antes de fazermos o Wolfheart, esperámos uma eternidade que o Christian (Bivel), da Adipocere, formalizasse uma proposta para o álbum. O CD tinha corrido muito bem, as vendas foram muito prometedoras para um lançamento de estreia, pelo que, ao compormos a obra Wolf, estávamos convencidos que a Adipocere estaria em cima do assunto e que lançaríamos um longa-duração, precisamente o objectivo pelo qual a banda havia sido formada. Estávamos entusiasmados e, contrariamente ao nosso instinto muito português, não pensávamos muito à frente, e muito menos sentíamos falta de um futuro que não era certo vir a existir. Bons tempos, em que podíamos pensar

apenas no dia-a-dia. A Adipocere nunca nos fez uma proposta ou enviou uma oferta para o Wolfheart. O Christian estava muito focado em lançar o ...And Death Smiled de Alastis, o que sentíamos ser um erro. Avancemos 17 anos, e verificamos que o foi.

Na altura ensaiávamos numa minúscula garagem de dois andares perto de onde todos vivíamos então. Chamávamos-lhe o covil e, se nos ligassem, seriam recebidos pelo uivar de lobos e uma mensagem de voz solene no nosso atendedor de chamadas. No segundo piso tínhamos um pequeno escritório/armazém montado, pois vendíamos o nosso próprio merchandise e CD às lojas, e através do correio. Distribuíamos também material da Osmose e da Cacophonous Records e, mesmo para os padrões portugueses, as coisas corriam bem, excepto o álbum de Alastis... nesse mesmo lugar celebrámos, com espumante barato, quando assinámos pela Century Media e até nos filmámos a colocar as nossas assinaturas num contrato de escravatura branca (6 álbuns de duração), mas era esse o nosso bilhete para fora de Portugal. Enquanto a Adipocere contemplava e hesitava, o Robert Kampf (a alma e coração da Century Media, que assinou todos os nomes relevantes na altura, de Samael a Tiamat), ligou-nos e deixou-nos uma mensagem. Tanto quanto sei, essa cassete ainda existe. Na altura, ouvimo-la repetidamente. Fazíamos-lo porque não conseguíamos acreditar que a hesitação da Adipocere se viria a revelar uma bênção disfarçada, pois a nossa editora de sonho, cujos discos comprávamos e ouvíamos apaixonadamente (o Clouds de Tiamat e o Amok de Sentenced são apenas dois exemplos), queria que nos juntássemos às suas fileiras.

O acordo com a Century Media não era fantástico e com o passar dos anos isso veio a tornar-se problemático, mas não na altura, em finais de 1994. Quando parámos de celebrar, estávamos já num avião para Dusseldorf para gravar com o Waldemar (Sorychta), também ele o nosso produtor de sonho cuja assinatura era tão evidente nos óptimos discos da Century Media e do Metal Europeu. A Century Media per-

and soul of Century Media who signed everything relevant at the time from Samael to Tiamat), called us up and left us a message. That tape still exists to the best of my knowledge and we have heard it, back then, countless times, over and over. We did that because we couldn't believe that Adipocere's hesitation was actually a blessing in disguise, as our dream label, whose records we bought and listened to passionately (Clouds from Tiamat or Amok from Sentenced are just two examples), wanted us to join their ranks.

The deal with Century Media wasn't great and throughout the years that became really problematic but not back then, in late 1994. When we stopped celebrating, we were on a plane to Dusseldorf to record with Waldemar (Sorychta), also our dream producer whose signature was so evident in the great records of Century Media and European Metal. Century Media allowed us that much and for us it was the fuckin' universe opening up in front of us like a large boulevard, hopeful and vibrant. When we arrived in Germany, we got picked up by Century Media's staff in two cool vans, were left a few hours later in Hohenliburg (in Lamberger's gasthaus, an experience so great that we repeated it when we recorded Memorial in 2007, lodging the band there again, 12 years after). There was a good German beer on the table and we had room to go wild, all the six of us, the very ones that are quoted on Alma Mater's lyrics ("At the moon mountain, six wolves cry...") who were finished in the plane travel with the help of all the recording line-up for Wolfheart.

For me, the whole experience was just awesome. It was my first time ever flying and I felt I had achieved something with my life. I was 21 years old. These days I

mitiu-nos tudo isso. Era o próprio Universo a abrir-se perante nós, como uma enorme avenida, esperançosa e vibrante. Quando chegámos à Alemanha, fomos recolhidos pela equipa da Century Media em duas carrinhas confortáveis e fomos deixados algumas horas depois em Hohenliburg (na *gasthaus* de Limberger, uma experiência tão boa que a repetimos quando gravámos o Memorial em 2007, ali alojando novamente a banda, 12 anos depois). Havia boa cerveja alemã na mesa e havia espaço para nos libertarmos, todos os seis, os mesmos citados na letra da Alma Mater (“At the moon mountain, six wolves cry..”), terminada na viagem de avião com a ajuda de todo o line-up que gravou o Wolfheart.

Para mim, toda a experiência foi simplesmente fantástica. Era a primeira vez que voava e senti que estava a atingir algo importante na vida. Tinha 21 anos de idade. Nos dias que correm odeio a perspectiva de voar, não por medo, mas pelo tratamento quase desumano a que somos sujeitos, com todas as questões de

segurança, bagagem, e regras quase destinadas a gado que as companhias aéreas impõem. No entanto, nem tudo foi o doce viver de um sonho. Era óbvio durante as gravações que o Waldemar não gostava de nós nem da banda, e que fora contratado muito mais por um palpite do Robert (Kampf, Century Media) que por sua própria vontade. A atmosfera no estúdio não era a melhor, tínhamos vários defeitos mas, ainda assim, sentíamo-nos entristecidos por toda a situação pois acreditávamos estar na posse de um conjunto de canções capazes de furar neste cenário, ainda mais que o improvável EP *Under the Moonspell*. Houve vários momentos duros e coisas difíceis de engolir. Algumas foram extremamente importantes para a nossa música e para a nossa aprendizagem como banda, agora a jogar noutra campeonato. Lembro-me de o Waldemar cortar toda uma secção mais lenta da *Vampiria* e substituí-la pelo final do tema, com bombo duplo e teclado. Outras coisas foram totalmente desnecessárias, como dizer-me que eu tinha

dread the thought of flying, not because I am afraid, but because it's almost inhuman with all the security, luggage and cattle-like ruling flight companies enforce. Yet, not all was the sweet living of a dream. It was obvious during the recordings that Waldemar didn't like us nor the band and that he had been commissioned much more on a hunch from Robert (Kampf, Century Media) than by his own devise. The atmosphere was uneasy in the studio, we had many several faults but, nevertheless, we felt sad because of it all, as we believed we were sitting on a collection of songs that could make it on the scene, even more than the improbable *Under the Moonspell* EP. There were many hard times and things that were hard to swallow. Some of it was highly important for our music and our learning capacities as a band now playing in a different league. I remember Waldemar cutting one entire doomy part of *Vampiria* and replacing it by the double kick drum/keyboard song ending. Other things were utterly unnecessary like telling me I had a great voice for speaking but not for singing or Waldemar telling us to walk a little bit further (when we went to lunch) of him as he was not used to so many dark-haired dudes hanging out. If you are one of those fans that actually take attention to details, you will find that the production credits quoted are Produced by

uma excelente voz para falar mas não para cantar, ou o Waldemar pedir-nos para caminharmos um pouco mais à frente (quando íamos almoçar) pois não estava habituado a ter tantos gajos de cabelo escuro por perto. Se forem daqueles fãs que de facto prestam atenção aos detalhes, repararão que nos créditos de produção se lê *Produced by Moonspell on Studio 2*, já que o Waldemar e o Woodhouse julgaram que o álbum não era merecedor da sua qualidade e profissionalismo. O ambiente na Century Media não era melhor, excepção feita talvez ao Robert. Foram a primeira editora a procurar bandas além do habitual eixo Escandinávia / Reino Unido / EUA / Alemanha, e trouxeram-nos a nós de Portugal, aos Rotting Christ da Grécia e aos Orphaned Land de Israel, para uma luz muito mais brilhante que a proporcionada pelas nossas prévias editoras Underground. No entanto, os seus colaboradores e equipa riam-se das nossas canções Folk, as canções de farra nacional como as denominavam (e qual é o mal disso, de qualquer modo?).

Avancemos para uma tour infernal com Morbid Angel e Immortal em finais de 1995, 20.000 km numa carrinha que era simultaneamente o nosso “hotel” sobre rodas, o nosso armazém, ponto de encontro, e avancemos ainda para 50.000 cópias vendidas num mês apenas e o próprio

Robert a abrir-nos a porta do seu escritório, recebendo-nos com uma calorosa refeição e mostrando-nos os primeiros testes de impressão da segunda edição do Wolfheart, que resgatou a Ataegina (outra “canção de copos”) que se tornou uma favorita dos fãs, transformando o Wolfheart na sua própria página, escrita mais em suor que sangue ou lágrimas, na história dos grandes álbuns de Metal Europeu, algo que apenas alguns meses antes, sentados no covil, aguardando a proposta da Adipocere, nunca pensaríamos que pudesse vir a acontecer.

O Wolfheart ainda é tudo para os fãs. O molde, o arquétipo. Posso repetir vezes sem conta que esse álbum e esses tempos são irrepetíveis para todos, até para nós e para os nossos fãs. Não importa. Conhecemos bem a sensação de sentir falta do futuro. De olhar primeiro para trás e depois em volta para descobrir que estamos mais velhos, que o nosso entusiasmo pela música fora aniquilado pela internet e pelo entretenimento de festival.

No dia 31 de Outubro de 2011 tocámos o Wolfheart na íntegra em Almada, Portugal. O local estava repleto de pessoas do passado e do presente. Toda a gente disse ter sido uma noite de Inverno mágica, como aquelas descritas em muitas das canções do Wolfheart. Por algumas

Moonspell on Studio 2, as Waldemar and Woodhouse thought the album was unworthy of their quality and professionalism. The mood on Century Media wasn't better, except maybe for Robert. They were the very first label to look outside the Scandinavia-UK-USA-Germany axis for bands and they brought us from Portugal, Rotting Christ from Greece or Orphaned Land from Israel into a brighter light than our previous and more Underground labels. Their co-workers and staff were laughing at our Folk songs, the national drinking songs as they dubbed it (what's wrong with that anyway?).

Fast forward a hellish tour with Morbid Angel and Immortal in late 1995, 20.000 kms on a van which was our “hotel” on wheels, our warehouse, our hang-out place, and fast forward 50.000 copies sold in a mere month and Robert himself opened the door of their office to us, welcomed us to a hearty meal and showed us the first pressing tests of Wolfheart's second edition that rescued Ataegina (another national drinking tune) which became a crowd favorite, turning Wolfheart, if I might say it so, into our very own page, written in more sweat than blood or tears, in the history of European Metal great albums, something that a just few months back, sitting in the lair, waiting for Adipocere's deal, we never thought it could happen.

Wolfheart is still everything for the fans. The blueprint, the archetype. I can state forever that that album and those times can not be repeated by anyone, not even us or our fans. It doesn't matter. We know the feeling of missing the future. Of looking first behind and then around and to find out that we are older, that our enthusiasm for music was killed by internet and festival entertainment.

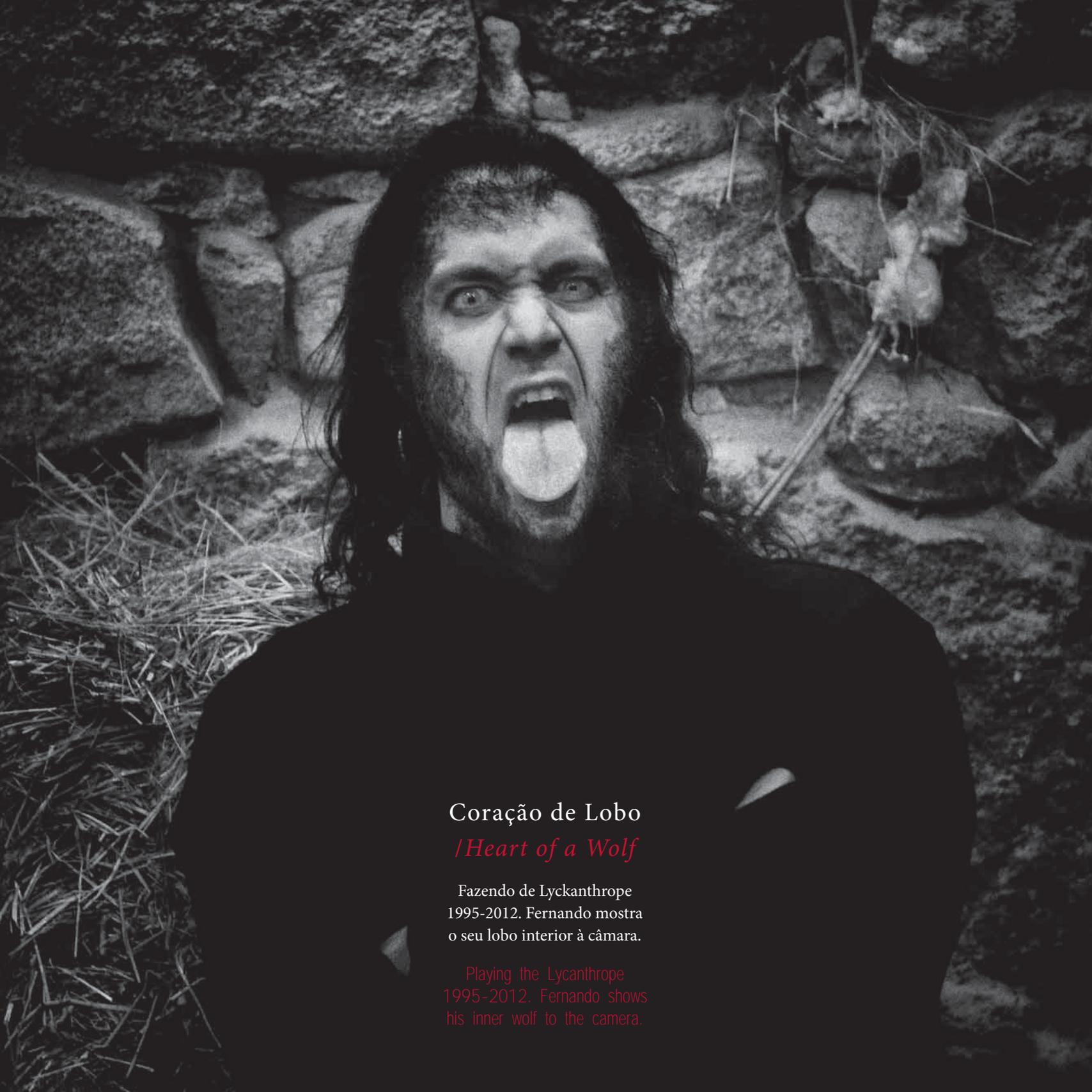
horas a negra bola de cristal engoliu-nos no seu interior e parecia que o mundo lá fora não estava doente e cheio de *haters*. O Wolfheart não é um álbum longo. Tem, para dizer a verdade, uma duração perfeita. O alinhamento do álbum é um pouco louco mas exótico. Viajamos de desolação vampírica para aposentos eróticos antes de mergulhar nas águas revoltas. Levou-me mais anos a mim que aos fãs para entender o charme e beleza de tão violentas quanto místicas mudanças de humor. Para tornar o set mais completo, adicionámos algumas canções do Under the Moonspell, nas suas versões de Under Satanae, de 2007. Tal como então, tivemos dançarinas em palco para estabelecer o tom adequado à noite, misterioso e oriental. Um grupo português de dançarinas do ventre góticas juntou forças e esta foto da Soraya Moon (pág. 10) é algo que só visualizava nos meus mais loucos sonhos do início dos anos noventa.

Tinha saudades do futuro nessa altura e

esta expressão capturada no rosto e no corpo da Soraya podia ter saído directamente da minha imaginação, porque sonhar, noite e dia, era tudo o que tínhamos então, sentados no covil, esboçando planos e mais planos. Nem toda a gente tem uma foto tirada aos seus sonhos. Pese embora todas as alturas sejam atormentadas para uma banda, e o descanso não é excepção, tempos há em que o nosso olhar captura um vislumbre da nossa vida interior e torna-a, como digo demasiadas vezes para o nosso próprio bem, numa noite para recordar, em que todas as épocas se encontram e descobres que apenas uma honesta, verdadeira e pura combinação de Passado, Presente e Futuro pode saciar o nosso apetite e estabelecer um rumo tranquilo para as nossas atribulações. **XX**

On the 31st October 2011 we played Wolfheart on its entirety in Almada, Portugal. The place was packed with people from the past and from the present. Everybody said it was a magical Winter night as the ones described in many of the Wolfheart songs. For a few hours a dark crystal ball engulfed us inside and it seemed that the outside world was not sick and filled with haters. Wolfheart is not a big album. It has actually a perfect playing time. The record setlist is a bit crazy but exotic. You travel from vampire wastelands to erotic chambers before diving in the revolving waters. It took me more years than the fans to understand the spice and beauty of such violent yet mystical mood swings. To make the set more complete, we added a few Under the Moonspell songs, on their 2007 Under Satanae versions. Like back in the time, we had female dancers on stage to set the right, mysterious, oriental mood in the night. The Portuguese gothic bellydancing group joined forces and this picture of Soraya Moon (p. 10) is something I could only achieve in my early nineties wildest dreams.

I was missing the future back then and the expression caught on the face and the body of Soraya could have come straight out of my imagination, as this day and nightdreaming is all we had back then, sitting in the lair, making plans after plans. Not everyone gets a picture of his dreams taken. Even though all times in a band are troubled, with no exception of rest, other times our eye catches a glimpse of our inner life and makes of it, like I tell too many times for our own sake, a night to remember, where all times meet and you find out that only an honest, true and pure combination of Past, Present and Future can please your hunger and give a steady course to your tribulations. **XX**



Coração de Lobo

/Heart of a Wolf

Fazendo de Lyckanthrope
1995-2012. Fernando mostra
o seu lobo interior à câmara.

*Playing the Lycanthrope
1995-2012. Fernando shows
his inner wolf to the camera.*

Coração
de Lobo

/Heart of a Wolf

Wolfheart e Irreligious são as pedras-chave de todo o nosso trabalho enquanto banda. São as matrizes, o nosso legado nesta Terra e o pano de fundo perante o qual todos os nossos álbuns serão para sempre comparados. A luz que cria a sombra. Os primeiros, os últimos, os de sempre. Quando saltarem desta página, descobrirão mais acerca dos corredores escuros do processo de trabalho por trás desses álbuns e como algumas dessas canções tomaram forma para mostrar ao mundo que havia uma banda portuguesa a fazer perigosos malabarismos com a ambição que muitas vezes denominámos de sonho, pois tudo o que fazíamos nesses dias pertencia a uma certa elevação trágica, que apenas o passar dos anos nos permitiu entender de forma conveniente, se bem que nunca por inteiro. Nas páginas seguintes, quem quero enganar, falarei do tempo. De como se divide e manifesta no seio de uma banda. Como minutos podem parecer anos, e como os anos passam a voar como se fossem minutos.

Esta foto (pág. 19) incorpora algum desse factor onírico que fora tão essencial para nos ajudar a ultrapassar os primeiros anos e que, para dizer a verdade, ainda não nos deixou ficar mal, ajudando a banda a manter-se coesa nos tempos difíceis e a celebrarmos como um só quando os ventos nos eram favoráveis. Os lobos sempre nos fascinaram. Têm um código de vida, uma hierarquia e características de grupo que sempre nos inspiraram. Não são bestas selvagens. Não são governados apenas por puro instinto. A essa força da natureza muito se poderia acrescentar e ficaríamos surpreendidos ao descobrir quão profundas podem ser as suas demonstrações de amor e dignidade, como podem caçar qualquer ser vivo que invade o seu covil e como são a metáfora perfeita para aquilo que tentámos estabelecer com o nosso primeiro álbum. Um sonho tornado realidade através de presa, pêlo e garra. O Wolfheart era todo ele um marcar

Wolfheart and Irreligious are the cornerstones of our entire work as a band. They are the blueprints, our trace on this Earth and the background to which all of our albums will be forever compared. The light that creates the shadow. The first, the last and always. Once you jump from this page, you will find out more about the dark chambers of the working process behind those records and how the songs came together to show the world there was a Portuguese band juggling dangerously with ambition that we often like to call dream, as everything we did those days belonged to a certain tragic height, that only the passage of years allowed us to understand in a convenient form, even if not entirely. In the following pages, whom am I kidding, I will talk about time. How it is divided, how it manifests itself inside a band. How minutes seem like years, and years pass by like minutes. This picture (p. 19) embodies something of that dreamlike factor that was so essential to get us through the early days and that, to speak the truth, still has not failed us, helping the band to stay together in hard times and to celebrate as one when the winds were favorable. We were always fascinated about wolves. They have a life code, a hierarchy and pack characteristics that have always inspired us. They are not savage beasts. They are not ruled solely by pure instinct. To that force of nature, much can be added and one would be surprised to learn deeply about how they can show love and dignity; how they can hunt down any living thing that invades their lair and how they are a perfect metaphor for what we were trying to lay down with our very first album. A dream come true through fang, fur and claw. Wolfheart was all about marking territory. Many times we have felt alone as a band even when in good company. The Portuguese scene was not about to understand us and we acted accordingly. Out there, we knew there was a pack, that was

de território. Muitas vezes nos sentimos só como banda mesmo quando em boa companhia. O cenário português não conseguia perceber-nos e nós agimos em conformidade. Lá fora, sabíamos haver uma alcateia, que se encontrava perdida e esfomeada, e tínhamos de a abordar com uma oferta musical que resplandecesse, fazendo com que devotassem os seus próprios corações de lobo a uma banda que surgisse com um chamamento directo ao lado selvagem. Como virão a ler, havia muitos espinhos a emergir deste coração de lobo. Usámos as nossas próprias mãos para (ao melhor das nossas capacidades) os arrancar e criar algo que fosse uma fórmula de todos os nossos anos no Underground, idolatrando outras bandas, coleccionando influências e debatendo-nos contra um ambiente que não era perfeito para o nosso desenvolvimento enquanto banda. Em casa, com os nossos pais, na escola com os nossos colegas, em palco com as outras bandas. Os Moonspell e o Wolfheart tinham tudo para não resultar. Estas histórias serão contadas e aproveitei

a oportunidade de escrever este livro para criar o tipo de antecipação que um disco simplesmente já não reúne nesta profana era moderna. Em três meros anos este disco também celebrará o seu vigésimo aniversário tal como a banda agora o faz e creio não ter havido um único dia em que não tenha pensado neste álbum, por todas as boas e más razões.

Pessoalmente, estou farto de manter a cabeça baixa e falar modestamente de um álbum que milhares elegeram como uma das jóias do Metal Europeu e que ninguém, nem nós mesmos, poderia repetir em toda a sua louca, original e exuberante panóplia de estilos capaz de produzir não apenas um romance totalmente Gótico na forma de *An Erotic Alchemy* (que beleza esta canção!), mas também um épico de Metal como a *Alma Mater*, ou um ritual simbólico como a *Love Crimes*. Fomos ainda capazes de juntar ao caldeirão canções celebratórias de folk como as deusas gémeas *Trebaruna* e *Ataegina*. Falo livremente por saber que estou entre amigos que dedicaram algum do seu tempo a ler

stray and hungry and we had to approach them with a musical offer that could shine through, making them devote their own hearts of a wolf to a band that would use a straightforward call to the wild. As you will read, there were many thorns sticking out of this wolfheart. We used our own hands to pluck them in order to (the best of our abilities) create something which would sum up all of our years in the Underground, worshipping other bands, collecting influences and fighting against an environment that was not perfect to our development as a band. At home with our parents; in school with our colleagues; in the scene with the other bands. Moonspell and Wolfheart had everything not to work out. These stories will be told and I take the chance of writing this book to create the sort of anticipation that a record simply does not gather on these unholy modern days. In three mere years this record will be also celebrating its twentieth anniversary just like the band now does and I believe there is not a single day I haven't thought about this record, for all the good and the bad reasons.

Personally, I am tired of keeping my head low and act modestly about a record that thousands have elected as one of the gems of European Metal and one that no one, not even ourselves, could repeat in its crazy, original, exuberant spawn of styles which could produce not a full Gothic romance in the shape of *An Erotic Alchemy* (I really love this song!), but also a metal Epic such as *Alma Mater* or a symbolic ritual like *Love Crimes*. We were still able to add to the cauldron, folk celebrative songs like the twin goddesses *Trebaruna* and *Ataegina*. I speak freely because I know that I am between friends who took their time to read my ramblings. With all this tradition as a shield, I stopped caring about some of the scene's disrespect regarding this very same album. We never had a mention in *Slayer Magazine*, the Underground true bible, which will always be one of our

biggest frustrations. Catamenia from Finland using exactly the same cover as one of the Wolfheart editions (what were they thinking?). People saying, especially in our own country, Portugal, that we didn't write or record the album ourselves. That stuff might have hurt us for a while but there was always a sheer magic spell about our first album that managed to destroy all bad karma against it and kept everything on its right place. Waldemar (Sorychta, producer) was very concerned about this album. One of the things he asked for, to control damage, was two extra days of mixes. He was painting a very bleak picture to a Century Media that was quite optimistic when they signed us, following their great plan of breaking away from the UK-USA-Scandinavia-Germany axis of bands, showing the world what countries such as Portugal, Israel or Greece were doing. Me and our former bass player Ares stayed in Germany representing the band, which was something we thought it was the right thing to do, even though, after the circumstances in which the album was recorded at Woodhouse, I strongly believe our presence was not in their plans anymore. It felt like we were just two pawns in a game that was played by someone else. We didn't like it so we forced ourselves upon them. Our music, (at least some of) our rules! We were showing our claws for the first time. I can't exactly remember the reason why the mix took two extra days and which input this extension had on the final result. Like I said already, the magic of Wolfheart was bewitching us. Waldemar's pessimism, the studio arrogance and the colder temperature of our label, once the album was ready, was something we will never, ever understand. As any Wolfheart fan, I guess.

We got one tape from the studio with the album and we copied it on the label's office, on a doubledeck. On the night before we traveled back home and even on the plane, Ares and me didn't exchange a single word. Not because

os meus devaneios. Escudado por toda esta tradição, deixei de me preocupar com algum do desrespeito demonstrado pelo panorama musical em relação a este mesmo álbum. Nunca fomos mencionados na *Slayer Magazine*, a verdadeira bíblia do Underground, o que será sempre uma das nossas maiores frustrações. Os finlandeses Catamenia usaram exactamente a mesma capa de uma das edições do Wolfheart (em que estariam eles a pensar?). As pessoas a dizerem, especialmente no nosso próprio país, Portugal, que não tínhamos sido nós próprios a escrever ou a gravar o disco. Essas coisas podem ter-nos magoado durante algum tempo mas sempre houve um feitiço de pura magia em torno do nosso primeiro álbum que conseguiu destruir todo o mau karma contra ele e manteve tudo no devido lugar. O Waldemar (Sorychta, produtor) esteve sempre muito preocupado com este álbum. Uma das coisas que pediu, para controlar danos, foram dois dias adicionais de misturas. Estava a pintar um quadro muito negro à Cen-

tury Media que estava bastante optimista ao assinar-nos, seguindo o seu excelente plano de se libertarem do eixo de bandas provenientes do Reino Unido, EUA, Escandinávia e Alemanha, mostrando ao mundo o que bandas de países como Portugal, Israel ou a Grécia andavam a fazer. Eu e o nosso antigo baixista Ares ficámos na Alemanha em representação da banda, o que era algo que achávamos ser a coisa acertada a fazer, pese embora, após as circunstâncias em que o álbum foi gravado no Woodhouse, acredito mesmo que a nossa presença já não estaria sequer nos planos da editora. Sentíamos ser apenas dois peões num jogo disputado por outras pessoas. Não gostámos disso e portanto forçámos a nossa presença perante eles. A nossa música, as (pelo menos algumas) nossas regras! Estávamos a mostrar as garras pela primeira vez. Não me recordo da razão exacta pela qual a mistura levou mais dois dias e que influência esta extensão teve no resultado final. Como já afirmei, a magia do Wolfheart enfeitiçara-nos. O pessimismo

do Waldemar, a arrogância do estúdio e a temperatura mais fria da nossa editora, uma vez pronto o álbum, foram algo que não iremos nunca, nunca perceber. Tal como qualquer fã do Wolfheart, suponho.

Recebemos uma cassette do estúdio com o álbum e copiamos-la no escritório da editora, num gravador de dois decks. Na noite anterior a viajarmos para casa e até mesmo no avião, o Ares e eu mal trocámos uma palavra. Não por estarmos zangados um com o outro, isso viria apenas alguns anos mais tarde, mas por sentirmos as nossas palavras engrandecidas pelas entrevistas a ganharem alguma substância musical, que lhes fizesse jus. Não falámos porque estávamos a ouvir ininterruptamente o que tínhamos feito, ainda incrédulos, que, após uma odisseia tão difícil e os difíceis tempos que passámos em estúdio, a cassette estivesse cheia com o nosso espírito, exactamente como pensámos que seria e como só poderíamos sonhar ao gravarmos em Portugal, reféns do preconceito e falta de intensidade generalizada dos produtores na-

cionais. Obviamente não entendíamos a razão das preocupações do Waldemar, da Century Media e do estúdio. Parecia estarmos a ouvir uma outra banda por completo. Poderá não transparecer nas palavras aqui contidas neste livro, mas sempre fomos os nossos mais acérrimos críticos. Bem, talvez não tanto, mas pelo menos lá bem no topo com os críticos mais radicais. Toda a banda e as nossas namoradas e amigos receberam-nos, na altura, no aeroporto de Lisboa. Foi um momento bastante comovente e até heróico e tenho quase a certeza que lhes acenámos com a cassette quando saímos para o átrio do aeroporto. Eles trouxeram walkmans e depois dos abraços e apertos de mão, todos disputavam entre si alguns minutos da cassette, esquecendo os tempos difíceis que ficaram para trás e que estariam para vir.

Quando pude fazer de Lobo no vídeo de Lickanthrope, foi como se um círculo se completasse. O tempo fez uma curva bizarra que permitiu à banda acercar-se da utopia que temos de a dado momento reu-

we were angry at each other, that would come a few years later, but because we were feeling our big words on interviews gaining some musical substance, to live up to them. We didn't talk because we were listening non-stop what we had done, still not believing that after such a hard journey and difficult studio time, the tape was filled with our spirit, exactly the way we thought it would be and could only dream of while recording in Portugal, hostage to prejudice and general lack of intensity of our national producers. Of course we did not understand what this Waldemar and Century Media and Studio concerns were about. It seemed like we were listening to a different band altogether. It might not surface in the words hereby contained on the book, but we were always our fiercest critics. Well, maybe not, but up there with the most radical reviewers, at least. The entire band and our girlfriends and friends welcomed us at the time in Lisbon airport. It was a quite touching and even heroic moment and I am pretty sure we waved them the tape when we got out to the airport lobby. They brought walkmans and after all the hugging and handshakes, all were disputing a few minutes of the tape and forgetting about the hard times behind and ahead.

When I got to play the Wolf on the Lickanthrope video, it was like a circle that just closed. Time went on a bizarre curve that allowed the band to come close to the utopia we have of in a given moment gather all times in one and

nirmos todas as épocas numa só e permitirmos que os sonhos se concretizem. Só posso imaginar se tivéssemos conseguido fazer algo assim, há dezassete anos, para a Wolfshade. Isso teria sido incrível! Infelizmente, nunca fizemos um vídeo para o Wolfheart, apenas algumas canções ao vivo que foram para o ar basicamente devido à procura por parte daqueles que se apaixonaram pela estranha via dos corações de lobo. Esses foram tempos curiosos e, antes de darmos por isso, estávamos já na estrada a defender o Wolfheart num contexto duro, uma vez mais (como suporte de Morbid Angel e Immortal em 1995) numa infernal digressão de carrinha que, como verão muitas vezes citado neste livro, nos tornou em melhores homens e lobos. Assinar autógrafos antes de saltar para dentro da carrinha, apinhada com o nosso material, merchandise, bagagem e afins, para dormir algumas horas apertados com todos os outros num espaço miserável, tornou-se um clássico na nossa história e sobretudo uma lição que jamais esquecemos. Afinal de contas, o Wolfheart pode-

rá ter-nos visto namorar as nuvens negras acima das nossas cabeças, como se de um sonho se tratasse. Mas, para muitos dos nossos companheiros com coração de lobo, este álbum foi uma pura iniciação. A Era da Lua tinha começado de forma prometedora e fora um muito único Lobo Lusitano a anunciá-la, num uivo simultaneamente desesperado e esperançoso que ecoava muito mais além do que alguma vez poderíamos esperar. **xx**

allow dreams to be accomplished. I can only imagine if we ever could pull this, seventeen years ago, for Wolfshade. That would have been a blast! Unfortunately, we've never done a video clip for Wolfheart, just some live songs were aired due pretty much to a public demand from the ones who fell in love with the strange ways of the wolfhearted. Those were curious times and before we knew we were on the road defending Wolfheart in once again a hard context (supporting Morbid Angel and Immortal in 1995) on a hellish van tour that, as you'll see quoted many times on this book, turned us into better men and wolves. Signing autographs before jumping in a van, packed with our backline, merchandise, luggage and whatnot, to sleep a few hours crammed with all the others in a miserable space, became a classic in our history and above all a lesson we've never forgotten. After all, Wolfheart may have watched us flirting with the dark clouds above our heads, on a dreamlike fashion. But, as for many wolfhearted fellows, this album was pure initiation. The Age of the Moon had started promisingly and it was a very unique Lusitanian Wolf that announced it in a desperate yet hopeful howl that sounded way further than we could ever have expected. **xx**





Alma Mater:
Virando costas
ao Mundo — *Uma*
Independência
casual

Alma Mater: Turning our backs to the world
— A casual shot at Independence

Quando se faz parte de uma banda, nunca se consegue verdadeiramente afastar a sensação de que se é incompreendido. Se isso nos falhar, encontramos-nos mortos como artistas e nada mais teremos a provar, por que viver ou (se, tal como eu, tiverem propensão para o dramatismo) por que morrer. Não afastem o olhar! O mesmo se aplica a vós, fãs de um género musical que consigo acarreta um determinado estilo de vida e código de vestuário. Seja no Metal, no Gótico, ou em qualquer outra vertente mais negra do Rock, já todos finalmente aprendemos como lidar com isso.

Tudo começa em casa. As piores guerras são por vezes travadas entre quatro paredes. A agressão pode tomar várias formas: uma cínica e agri-doce discussão acerca do comprimento do cabelo, um suborno para o sacrificar, a proibição de passar tempo com os amigos, ou ainda o penetrante desprezo diário por tudo aquilo que nos apaixona. A indiferença, concebida como uma pacificação violenta do teu instinto, uma lenta e dolorosa demolição da tua independência, que vestes nas tuas t-shirts, acarinhas na tua colecção de discos, nos imensos papéis que apenas tu sabes onde pertencem, prendas que não param de dar.

Temos depois a sociedade. Empregos que nos obrigam a representar uma personagem no quotidiano. Câmaras que nos contemplam enquanto mudamos de roupa na casa de banho, para algo mais convencional. O cabelo apanhado, um sorriso seco nos lábios. Acima de tudo isso, a ignorância cortês dos teus irritantes colegas. A indústria da Arte, indústria musical e imprensa, sempre negando o lugar merecido aos teus artistas e ídolos, fabricando marionetas e amamentando o mundo com superficialidade, esvaziando as prateleiras e, em simultâneo, os corações e mentes das pessoas.

Há algo sem preço nesta opressão, assim que nos habituamos a combatê-la. Uma sensação de libertação, de marcar o território, de caminhar por uma linha recta, ignorando as serpentes no teu caminho, as línguas soltas de pessoas estúpidas no emprego, e a imperecível e universal estupidez nas ruas. As pessoas nunca nos entenderão e isso, cremos, torna-nos mais fortes. Devemos começar a ver revolução naquilo que julgávamos ser os nossos actos de conformismo. Mantêmo-la para nós mesmos e para a nossa alcateia, sabendo haver inteligência na nossa união durante um concerto, sabendo que há paixão. Paixão que inspira paixão e que nos leva a seguir essa estrada ao invés daquela para a qual os nossos pais nos tinham comprado bilhete. Estar na primeira fila de um concerto enquanto toda a gente pensa que estás a cumprir as suas expectativas na escola. Que segredo tão doce.

When you are in a band, you can never truly shake out the feeling that you are misunderstood. If that one fails you, you are dead as an artist and you'll have nothing else to prove or to live and (if you are a sucker for drama, just like me) to die for. Don't look away! The same goes for you, fans of a music genre that brings a certain lifestyle and dresscode attached to it. In Metal, Goth, or any darker deviation of Rock we have all finally learnt how to deal with it.

It starts at home. The worst wars are sometimes fought inside four walls. Aggression comes in many shapes: a bittersweet cynical discussion about hair-length, a bribe for letting it go; the prohibition of hanging out with your pals, or the daily, penetrating despise shown for the things you are passionate about. The disregard, designed to be a violent pacification of your instinct, a slow, painstakingly demolition of your independence, that you wear on your T-shirts, cherish in your record collection, in your many papers that only you know their right places, gifts that keep on giving.

Then there is society. Jobs that make you roleplay everyday. Cameras that watch you change in the bathroom for something more conventional, your hair tied up, a dry smile upon the lips. On top, the courteous ignorance of your annoying co-workers. The industry of Art, music Industry and press, always denying a rightful place to your artists and idols, manufacturing puppets and breastfeeding the world with

shallowness, emptying the shelves while emptying the hearts and the minds of people. There is something invaluable on this oppression once you get used to the fight. A sense of liberation, of marking your territory, of walking on a straight line, oblivious to the snakes in your path, the loose tongues of stupid people at work, the undying universal street stupidity. People will never understand us and that, we believe, makes us stronger. We start to see revolution in what we thought to be our acts of conformity. We keep it to ourselves and to our pack, knowing there is intelligence in our unity at a show, that there is passion. Passion that inspires passion and makes us take that road instead of the one our parents bought us a ticket for. To be at a concert's first row when everyone else thinks you are building up to their expectations in school. Such a sweet secret.

The plane had reached its flying altitude and after a not so bad inflight meal, some people just put their chairs back and light a cigarette and enjoy a digestive in economic class. It was 1995 and back then we could do that. Six wolves gathered, not at the Moon Mountain, but circling around each other seats throwing words at me, so I could finally deliver the lyrics to Alma Mater, which were not complete when we went to Germany to record Wolfheart.

Only one that has experienced such a thing, can relate to my wishes that they all shut up and let me go through it, in the peaceful smoke cloud of the plane. But, Moonspell has never worked

O avião tinha atingido a altitude de cruzeiro e após uma refeição a bordo que nem fora assim tão má, algumas pessoas simplesmente reclinavam os assentos e acendiam um cigarro enquanto saboreavam um digestivo na classe económica. Estávamos em 1995 e nessa altura podíamos fazê-lo. Seis lobos reunidos, não na Montanha da Lua, mas circulando em torno dos lugares uns dos outros, atirando palavras na minha direcção para que eu pudesse finalmente terminar a letra de Alma Mater, que não estava ainda completa quando fomos à Alemanha gravar o Wolfheart.

Apenas quem tenha passado por uma experiência similar poderá rever-se nos meus desejos de que todos se calem e me deixem avançar, na pacata nuvem de fumo do avião. Mas os Moonspell nunca trabalharam assim. Ainda hoje, ouvimos sempre as ideias uns dos outros na íntegra, mesmo quando julgamos que essa ideia não leva a nada ou, pior ainda, segue no sentido contrário ao que teríamos em mente. Este longo processo conduziu-nos a onde hoje estamos, um patamar de verdadeira amizade e respeito pela diferença e estado de espírito individual. Demorou anos até cada um saber o seu lugar e ganhar a confiança de todos nas tarefas que lhe são designadas. Nem sempre funciona. Os velhos hábitos territoriais são difíceis de ultrapassar. Mas, pelo menos, tem funcionado. Quando o Ricardo (guitarrista-solo) gravou todos os seus solos para o Alpha Noir e Omega White, chegou o momento de todos os ouvirmos e avaliarmos os resultados. Uma vez mais, tudo isto poderia ser totalmente desnecessário, mas aconteceu e o resultado trouxe uma sensação de alívio e maturidade. Quando terminámos de ouvir todas as canções, limitei-me a dizer: “Ótimo! Muito bem! Avancemos.” O Pedro concordou e não posso deixar de pensar que o Ricardo, 15 anos depois de se juntar aos Moonspell, não podia crer que não nos tínhamos queixado de uma única nota. Hoje, ao ouvir esses mesmos solos, consigo apreciá-los muito melhor. É um facto que talvez não tivesse, numa primeira escuta, concordado com todas as notas, mas sabia que era o trabalho do Ricardo, algo com que se tinha dei-

tado todas as noites antes das gravações, e o seu trabalho era impecável. Essa sensação, essa garantia tem muito mais valor que qualquer opinião em que pudesse pensar apenas para afirmar que também tenho sentido melódico.

As bandas tendem a oscilar entre uma mal disfarçada ditadura de um indivíduo e uma democracia participativa com tendências anárquicas, em que nada acaba por se fazer. Um pouco como o mundo em que habitamos. Com os Moonspell tudo começa pelo básico acto comunicativo de falar e ouvir. Surgem, então, a música, as ideias, e as incontáveis tentativas até que todos vão para casa a sentir-se pacificados e representados. Por vezes, ao surgir uma disputa poética acerca de uma Palavra, sobre uma mudança para algo mais simples no sentido de se adequar à música, escuto o que há para ser dito mas acabo por decidir, já que este é o meu covil e todos o sabem. Ninguém se sente inferiorizado por isso, tal como eu não me sinto frustrado quando o Mike insiste numa nota extra num break de bateria ou se o Pedro pretende que o som esteja mais ou menos comprimido. Por vezes, lutamos por aquilo que julgamos ser justo, mesmo que não seja consensual. Mas esta luta tem regras de respeito e lealdade. Não é como a barbárie à vista de todos, exposta em imensos DVD de

like this. Still to the day, we always hear each other thoroughly, even when we feel the idea is going nowhere or, worst, going the opposite way of ours. This long process leads us to a place today that is made of true friendship and respect for our individual difference and set of mind. It took years for each one to know his place and to have people's trust in their designed task. It doesn't work all the time. Old habits of marking our territory die hard. But, at least it's working. When Ricardo (lead guitar) recorded all his solos for Alpha Noir and Omega White, it came the time we all check them out and see what came of it. Again, this could be utterly unnecessary, but it happened and its outcome brought me a sense of relief and maturity. When we stopped listening through all the songs I just said "Great! Well done! Let's move on!" Pedro came in agreement and I can't help to think that Ricardo, 15 years after joining Moonspell, was still amazed we didn't bitch about a single note. Today when I listen to those solos, I get to enjoy them much better. True, I might have not agreed with every note on the first listen, but I knew it was Ricardo's work, something he went to bed with every night before recordings, and the work was impeccable. That feeling, that reassurance has much more value than any opinion I could think of just to state I also have a melodic sense.

Bands tend to vary between a hardly hidden one-man dictatorship and a voting democracy with the tendency to anarchy, where nothing gets done. Pretty much like the world we live in. With

Moonspell it all starts by the basic communication act of talking and listening. Then, the music and the ideas and the countless tentatives until everybody goes home pacified and represented. Sometimes if there is a poetic dispute over a Word, over a change into something simpler to fit the music, I do listen to what is there to be said but I get to decide as this is my lair and everybody knows that. Nobody feels smaller over that, just like I do not feel frustrated if Mike wants an extra note in a drum roll or if Pedro wants the sound to be more or less compressed. Sometimes, we fight for what we think it's fair even if not consensual. But this fighting has rules of respect and loyalty. It's not an open air barbarie as you see in many American bands' DVD. It's more like olympic sword fighting, with gentleman watching other gentleman playing.

This is now. Fifteen years ago on my first flight ever, it was an overdose. But still I listened, took notes and even used some ideas but I got the final call for these lyrics which I felt would be special and, above everything, that would tell the world about our Independence as a band, as musicians, as recent adults.

The Alma Mater message is special. In the first place for us. We were truly feeling the need to say something. We'd been in the Portuguese darkness for too long with only our penfriends around the world to show us there was a light in the end of the road even for a Portuguese band. We were lost in our own scene with just a few we could call friends (Decayed, FNI), were

bandas americanas. É mais como uma espécie de esgrima olímpica, com cavalheiros a assistir aos combates de outros cavalheiros.

Isto é o presente. Há quinze anos, no meu primeiro voo de sempre, foi uma overdose. Mas ainda assim escutei, tomei notas e até usei algumas das ideias; no entanto, pertenceu a mim a última palavra acerca desta letra que sentia ser especial e que, sobretudo, iria contar ao mundo a nossa Independência como banda, como músicos, como jovens adultos.

A mensagem da Alma Mater é especial. Em primeiro lugar, para nós. Sentíamos verdadeiramente a necessidade de dizer algo. Tínhamos estado envoltos na bruma portuguesa durante demasiado tempo, apenas com os nossos correspondentes por todo o mundo a mostrar-nos que havia uma luz ao fundo do caminho, até para uma banda portuguesa. Encontrávamo-nos perdidos na nossa própria cena com apenas alguns a quem pudéssemos chamar amigos (Decayed, FNI), lidávamos com as nossas famílias numa base diária de lenta erradicação das nossas convicções. No exterior, o Black Metal Norueguês dominava todas as atenções, e não pretendíamos queimar uma igreja para conseguir atenção. Queríamos somente contar as histórias do nosso país, que nos queimavam por dentro, ajudando a libertar o lobo, nascido e criado na Lusitânia. Gravámo-lo bastante depressa assim que as letras ficaram concluídas. Quando o escutámos pela primeira vez, sentíamo-nos confiantes. Como vos disse, a atmosfera no estúdio não nos fez sentir como campeões portugueses, muito pelo contrário. Mas quando a Alma Mater começou a ganhar forma nas colunas do estúdio, sabíamos que seria uma declaração, que, ao ser convenientemente ouvida, iria fazer a diferença para muitos que se iriam rever na sensação de estarem numa ilha escura, ganhando asas e voando para longe (ou navegando o mar aberto, como outrora fizemos). Até o Waldemar batia o pé e todos sorrimos por isso.

dealing with our families on a daily basis of slow burning our convictions. Outside, Norwegian Black Metal dominated all attentions and we didn't want to burn a church to get noticed. We just wanted to tell our country's stories that we had burning inside, helping release the wolf, born and raised in Lusitania. We recorded it quite fast once the lyrics got complete. When we first listened to it, we were feeling fearless. Like I told you, the atmosphere on the studio did not make us feel like Portuguese champions, quite the opposite. But when Alma Mater started to come together in the studio speakers, we knew it would be a statement, that if properly heard would make the difference in many who would relate to the feeling of being in a dark island, gaining wings and flying away (or sailing through the open seas, like we once dared). Even Waldemar was tapping his foot and we all exchanged a smile over it.

First time I had the notion that this song was becoming important was through Pete Sandoval from Morbid Angel. We toured together and quite often he came to our van saying he couldn't get the song out of his mind. We were happy. Puzzled but happy. Pete was one of our favorite Death Metal drummers. I am not quite sure if he bothered to read the lyrics, maybe not, but, to our good fortune, the fans, all around, read and took it to the heart. After all, what we thought to be a Portuguese statement was, in fact, the statement of many who were oppressed in their daily life by the fact they listened to this kind of music. Europe was not like England or America. People had serious problems caused by the act of listening to bands like us. In the East it was harsh. Records were banned and they resourced to tapes. Some years ago we played in Casablanca, Morocco, and the same promoter who booked us (Naby) had been arrested just a few years ago and spent some months in jail because he liked Heavy Metal. That's why Moonspell tours non-stop the so-called peripheral countries, where many artists are afraid to go.

A primeira vez em que me apercebi que esta canção se estava a tornar importante foi através do Pete Sandoval, dos Morbid Angel. Andámos juntos em tournée e muitas vezes ele vinha ter connosco à nossa carrinha dizendo que não conseguia tirar a música da cabeça. Ficámos felizes. Intrigados mas felizes. O Pete era um dos nossos bateristas de Death Metal preferidos. Não tenho a certeza que ele tenha tido o cuidado de ler as letras mas, para nossa sorte, os fãs de todo o mundo leram e levaram-nas a sério. Afinal de contas, o que julgáramos ser uma declaração portuguesa era, de facto, uma declaração válida para muitos que se encontravam oprimidos no seu quotidiano apenas pelo facto de ouvirem este tipo de música. A Europa não era como a Inglaterra ou a América. As pessoas tinham graves problemas por ouvirem bandas como nós. No Leste era particularmente duro. Os discos eram banidos e tinham de recorrer a cassetes. Há alguns anos, tocámos em Casablanca, Marrocos, e o promotor que nos contratou (Nabyl) foi preso há poucos anos e passou alguns meses na prisão apenas por gostar de Heavy Metal. É por isso que os Moonspell tocam sem parar nos chamados países periféricos, onde muitos artistas temem ir. O mesmo se aplica a outras bandas com quem nos cruzámos nos mais estranhos lugares: Samael, Cannibal Corpse, Rotting Christ.

Aí podemos conhecer pessoas que lidaram com verdadeiras experiências e conquistaram o seu direito a desfrutar desta sensação de unidade, sob a qual a Alma Mater nos trouxe a todos. A Alma Mater não é uma canção política mas foi por demasiadas vezes confundida como tal. É apenas uma simples canção que fala sobre um grupo de seis, lutando contra os inimigos do quotidiano que se escondem na vida normal, querendo mais, sonhando e trabalhando duro por isso. Tal como os nossos reis e navegadores uma vez o fizeram. Tal como os nossos actuais governantes nunca farão...

Há duas coisas das quais nunca me cansarei:

— De tocar a Alma Mater para os fãs.

— De quando nos pedem incessantemente essa canção durante um concerto. (Venham ver-nos à Polónia, por exemplo.)

Conhecemos a sensação. E respeitamo-la. Por vezes parece correcto virarmos as costas ao mundo. Por vezes sabe bem estar orgulhosamente só. Alma Mater!

Quando os exploradores de outrora chegavam ao cume da montanha, colocavam sempre uma bandeira no solo. Era nesse momento que atingiam o absoluto, a lenda sempre relacionada com o marcar de um território. ✕✕

The same for other bands whom we met in the strangest places: Samael, Cannibal Corpse, Rotting Christ. There we get to meet people who faced true experiences and conquered their right to relish under this unity feeling, under what Alma Mater brought us all. Alma Mater is not a political song and too many times it has been mistaken as such. It is just a simple song but about a group of six, fighting the daily enemies hiding in normal life, wanting more, dreaming of it and working hard for it. Just like our kings and navigators once did. Like our actual rulers never will...

There are two things we'll never be bored with:

— Playing Alma Mater for the fans.

— When they ask us non-stop at a gig for that song. (Go see us in Poland, for example.)

We know the feeling. And we respect it.

Sometimes it feels right to turn our backs to the world. Sometimes it feels good to be proudly alone. Alma Mater! ✕✕